

# 2023

---

1º Semestre



## ARTES E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Prova Discursiva

**VESTIBULAR  FGV**

---

**UNIFICADO**

**14/11/2022**

## ARTES E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

### Enunciado comum às perguntas 1 e 2

Em meados do século XIX, o escritor Manuel Antônio de Almeida (1830-1861) lançou, primeiramente em forma de folhetins, publicados no jornal *Correio Mercantil*, o livro *Memórias de um sargento de milícias* (1854). Escrito durante o Segundo Reinado (1840-1889), a narrativa remete ao período joanino (1808-1822), isto é, ao reinado português de D. João VI no Brasil, no início daquele século. Nele, o romance retrata cenas e personagens do Rio de Janeiro da época, e que, no momento da publicação, constituía a capital do reino brasileiro, governado por D. Pedro II.

A obra assim começa:

Era no tempo do rei. Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo. Daí sua influência moral (1996, p. 14)

O protagonista do enredo, Leonardo, foi durante anos descrito pela crítica literária como um tipo picaresco, ou seja, filiado a uma determinada tradição da literatura espanhola. O crítico Antonio Candido, em contrapartida, renovou essa interpretação da obra em 1970, com o ensaio “Dialética da malandragem”. Nele, propõe uma leitura do livro pela qualificação de “romance malandro”, uma narrativa em que o personagem encarna o arquétipo da malandragem. Assim sendo, ele transita pela extensão da hierarquia social, indo de uma classe a outra, e conhecendo a sociedade em seus extremos, nos limites entre a ordem e a desordem, com base no método, segundo Candido, “dialético”.

Nas palavras do crítico:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo major Vidigal de verdade. (1970, p. 71)

### Pergunta 1

O trecho do romance e os comentários de um de seus críticos mais perspicazes, ambos transcritos acima, mostram de que maneira literatura e sociedade constituem um par estrutural, em que a imaginação do escritor se articula a aspectos sociais do universo a que pertence. Com base nesse pressuposto, apresente evidências dessas inter-relações da vida literária e com a vida social, mediante a narrativa de *Memórias de um sargento de milícias*. Em alternativa, é possível, para fundamentar e exemplificar a resposta, escolher alguma outra obra selecionada na bibliografia do conteúdo programático de “Artes e Questões Contemporâneas”.

### Pergunta 2

Ao cunhar a expressão “Dialética da malandragem”, o crítico Antonio Candido se apropria de um conceito caro à tradição marxista e à filosofia ocidental. Marx e Engels, em *Manifesto do Partido Comunista* (1848), defenderam que o método dialético deveria ser empregado, tendo por base o materialismo histórico, um instrumento de análise do modo pelo qual as classes sociais estabelecem relações contraditórias entre si, levando à progressiva conscientização dessa luta e, em determinado momento da História, à ruptura da ordem social, mediante uma revolução, em função do antagonismo de classes e da disputa pelo controle dos meios de produção. Nesse sentido, mostre de que maneira a literatura pode ser vista como uma modalidade narrativa capaz de evidenciar tensões sociais e confrontos entre grupos da sociedade. Recorra, mais uma vez, a *Memórias de um sargento de milícias* ou a outro livro, nacional e ou estrangeiro, elencado no programa de “Artes e Questões Contemporâneas”, em que seja possível perceber como a ficção permite certa leitura das forças contraditórias da realidade social e da vida material.

### Pergunta 3

Em junho de 2022, um duplo homicídio chocou o Brasil e o mundo. O indigenista brasileiro, Bruno Pereira, e o jornalista inglês, Dom Phillips, foram assassinados por pescadores ilegais no extremo oeste do estado do Amazonas, enquanto faziam seus trabalhos de defesa das terras indígenas de povos isolados no Vale do Javari, na busca também do registro jornalístico da vida local. A brutalidade da morte das duas vítimas teve repercussão internacional e chamou a atenção mais uma vez da opinião pública para uma série de infrações e para a incapacidade do governo brasileiro de garantir a segurança e a legalidade na região da Amazônia.

Apesar da tragédia e do clamor com que foi vivenciado o assassinato de defensores de direitos, como Bruno Pereira, o caso está longe de ser isolado e de se restringir a essa região do país. A segunda metade do século XX tem assistido a um histórico de violência no campo e em regiões afastadas dos grandes centros urbanos. Uma dessas histórias foi contada no documentário de Eduardo Coutinho, “Cabra marcado para morrer” (1984), tido pela crítica especializada como um dos melhores filmes brasileiros. Nele, narra-se a vida do líder camponês da Paraíba, João Pedro Teixeira, assassinado em 1962, a mando de latifundiários que não aceitavam a atuação das Ligas Camponesas em favor da Reforma Agrária no Nordeste.

O próprio filme foi vítima de perseguição: gravado em 1962, só pôde ser concluído vinte anos depois, graças a entrevistas posteriores com familiares do camponês assassinado e com a comunidade local, em interrupção devida ao golpe militar de 1964 e ao regime que então se instalou. O pesquisador Paulo Roberto Menezes assim sintetizou o significado desse documentário:

Mistura de ficção e realidade, mas que tenta nos fazer recuperar um pedaço de nossa memória, utiliza-se de pressupostos que não podem ser deixados de lado, se procuramos compreender, em todas as suas dimensões, a importância e o lugar deste filme enquanto testemunho de uma história e reconstrução de um passado.

Com base nessa passagem e no contexto histórico-político que envolveu a realização do documentário, mostre em que medida o filme retrata a luta pelo direito à terra no Brasil e avalie o quanto o mesmo pode ser considerado o “testemunho de uma história e reconstrução de um passado”. Se um filme constitui um bem cultural da sociedade, reflita até que ponto esse produto artístico – e as artes e a cultura em geral – tem o poder de impedir esquecimentos de casos como esse e de provocar uma reflexão crítica sobre fenômenos sociais importantes da realidade e da história brasileiras.

**Leia o trecho das letras das músicas a seguir, compostas, respectivamente, por Cartola e Cazuza/Roberto Frejat, antes de responder às perguntas 4 e 5:**

“O mundo é um moinho” (1976), de Cartola (intérprete: Beth Carvalho)	“Malandragem” (1988), de Cazuza e Roberto Frejat (intérprete: Cássia Eller)
<p>Ainda é cedo, amor                      Mal começaste a conhecer a vida                      Já anuncias a hora de partida                      Sem saber mesmo o rumo que irás tomar</p> <p>Preste atenção, querida                      Embora eu saiba que estás resolvida                      Em cada esquina cai um pouco tua vida                      Em pouco tempo não serás mais o que és</p> <p>Ouça-me bem, amor                      Preste atenção, o mundo é um moinho                      Vai triturar teus sonhos, tão mesquinho                      Vai reduzir as ilusões a pó</p>	<p>Quem sabe eu ainda sou uma garotinha                      Esperando o ônibus da escola sozinha                      Cansada com minhas meias três quartos                      Rezando baixo pelos cantos                      Por ser uma menina má</p> <p>Quem sabe o príncipe virou um chato                      Que vive dando no meu saco                      Quem sabe a vida é não sonhar</p> <p>Eu só peço a Deus                      Um pouco de malandragem                      Pois sou criança e não conheço a verdade                      Eu sou poeta e não aprendi a amar</p>

**Pergunta 4**

A partir das duas composições, desenvolva uma reflexão sobre o conteúdo de cada uma das letras, que constituem pontos altos da história da música popular brasileira, seja através do samba – a primeira – seja por meio do rock – a segunda. Para interpretá-las, leve em consideração também o título. Desenvolva ainda uma comparação entre o sentido de ambas, tanto no que se aproximam quanto no que se distanciam.

**Pergunta 5**

Em fins do século XVIII, o filósofo alemão Immanuel Kant escreveu o ensaio seminal “Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo”. O texto filosófico, de pouco mais de dez páginas, defende o exercício autônomo da razão e preconiza a liberdade de pensamento. Nas palavras do autor: “Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” (2008, p. 1). À luz desse princípio iluminista, escolha uma das duas músicas e comente de que maneira ela pode ser interpretada tendo por parâmetro o processo que leva o ser humano da “menoridade” à “maioridade” intelectual ou existencial.